**The Nation State in Cape Verde: Identity Dilemmas and Reproduction of Colonial Modernity’s Bureaucratic Machine**

**Redy Wilson Lima and Odair Barros Varela**

In Cape Verde, the idea that the nation preceded the state has been reproduced, an argument used to support the idea of ​​exceptionality and uniqueness in the African continent, taken as an identifying mark of differentiation and guaranteeing the title of model in Africa in the area of ​​democracy and good governance. Understanding this idea leads us to the process of transforming the archipelago into a bureaucratic machine at the service of colonial modernity from 1460, with the institutionalization of a "modern" colonization machine, later exported to the Americas. With the independence, some continuities of this bureaucratic machine are ended and, through Marxist perspectives, the local intelligentsia puts itself at the service of the state in the reconstruction of a nation based on a developmental model of economic growth, discontinued in the 1990s with the democratic opening and the integration of the archipelago into the world economic system. The aim of this paper is, at first, to unveil the aforementioned idea of ​​exceptionality and uniqueness of the Cape Verdean nation focusing on the role of social sciences, especially sociology, in this process, understood as an epistemological tool introduced in the colonial context as a specific ideological knowledge, whose main function was to represent a discourse that conceptualized European domination and shaped the subjectivity of the colonized peoples. Secondly, to reflect on the reproduction of this “scientific” practice in the after African independence, through scientific cooperation programs, which in collaboration (active and passive) with local scientists, has promoted a model of totalitarian scientific rationality that tends to subordinate and delegitimate other forms of knowledge. Thirdly, to account for the emergence of new epistemological practices in Africa that refuse to reproduce the institutional discourses, which usually carry colonial marks, with a view to producing a transgressive and plural approach to science.

**O Estado-Nação em Cabo Verde: Dilemas Identitários e Reprodução da Máquina Burocrática da Modernidade Colonial**

Em Cabo Verde têm-se reproduzido a ideia de que a nação procedeu o Estado, argumento utilizado para sustentar a ideia de excecionalidade e singularidade no continente africano, tomado como marca identitária de diferenciação e garante do título de modelo em África em matéria de democracia e boa governação. Compreender esta ideia remete-nos para o processo de transformação do arquipélago numa máquina burocrática ao serviço na modernidade colonial a partir de 1460, com a institucionalização de uma “moderna” máquina de colonização, posteriormente exportada para as Américas. Com a independência, se encerra algumas continuidades dessa máquina burocrática e através de perspetivas marxistas, a *intelligentsia* local se põe ao serviço do Estado na reconstrução de uma nação baseado num modelo desenvolvimentista de crescimento económico, descontinuado nos anos de 1990 com a abertura democrática e a integração do arquipélago no sistema económico mundial. O objetivo desta comunicação é, num primeiro momento, descerrar a referida ideia de excecionalidade e singularidade da nação cabo-verdiana incidindo no papel das ciências sociais, em especial da sociologia, neste processo, entendido como uma ferramenta epistemológica introduzida no contexto colonial como um conhecimento ideológico específico cuja principal função foi a de representar um discurso que conceptualizava a dominação europeia e moldava a subjetividade dos povos colonizados. Num segundo momento, refletir sobre a reprodução desta prática “científica” no após independências africanas, através dos programas de cooperação científica, que em colaboração (ativa e passiva) com os cientistas locais, se tem promovido um modelo de racionalidade científica totalitário que tende a subalternizar e deslegitimar outras formas de conhecimentos. Num terceiro momento, dar conta da emergência de novas práticas epistemológicas em África que recusem reproduzir os discursos institucionais, que normalmente carregam marcas coloniais, com vista à produção de uma abordagem transgressora e plural da ciência.